



PREÂMBULO

Os atentados terroristas do Daech que atingiram a França, bem como numerosos outros países, durante os últimos anos, fazendo mais de seiscentos mortos e milhares de feridos em doze anos, não poderiam deixar de suscitar reações muito diversas, reações que, na maioria das vezes, estavam à altura dos desafios que aconteciam. Além da emoção imediata, que todos sentiram, e que se traduziu em particular pela grande caminhada republicana de 11 de janeiro de 2015, políticos, filósofos, sociólogos, jornalistas, tentaram compreender através de análises aprofundadas. Nós também poderíamos dizer, em uma linguagem psicanalítica, que um grande número de “interpretações” que foram propostas tiveram não somente a função de explicar as causas da guerra muito particular que foi conduzida sobre solo francês, mas de “tratar” (no sentido de um tratamento médico ou de psicoterapia) o que nos aparecia como um verdadeiro trauma na civilização, colocando palavras sobre os acontecimentos que de outra maneira seriam ainda mais insuportáveis se eles não possuíssem um significado claramente atribuível, e que desde então são vividos em uma ausência radical de sentido.

Este livro, escrito por dois psicanalistas, aborda o do traumatismo ele mesmo, mais que querer compreender as supostas razões da agressão jihadista. Ainda falta precisar que por traumatismo nós designamos um fenômeno que intervém tanto no nível coletivo como que no nível individual.

A reflexão psicanalítica parte do mais singular, do que, ao longo das sessões, podem falar os sujeitos que nos consultam. Ora, os praticantes, hoje, não podem deixar de constatar um mal difuso na maior parte dos tratamentos que eles se encarregam. Os pacientes em análise não falam obviamente no cotidiano dos eventos que evocamos aqui. Entretanto é no cotidiano das sessões que se manifesta uma angústia, mais ou menos latente, ligada mais à impossibilidade de prever de onde poderia vir o próximo golpe do que o horror do que eles sabem sobre os massacres de massa que ocorreram.

Além dos sujeitos individuais, há o que podemos chamar de “subjetividade de nossa época”, pensando em Lacan que dizia que deveria renunciar a se engajar na prática analítica aquele que não pudesse se “juntar” para preencher sua função de intérprete. Nos parece claro que não podemos destacar o questionamento consciente ou inconsciente do sujeito individual do que constitui o horizonte de todo pensamento do homem desde várias dezenas de anos. Por essa via os traumatismos individuais se anexam aos traumas coletivos. Devemos também observar que, em vários tratamentos, as reações aos acontecimentos mais contemporâneos reenviam também a outros traumatismos históricos, que os pacientes que os evocam não viveram pessoalmente, mas que estão ainda ligados à história de sua família, ou ainda, de maneira mais geral, à história dramática do século XX.

A “subjetividade de nossa época” é marcada somente pela presença do terrorismo? É claro que não, e nenhum fenômeno social ou político poderia ser suficiente para defini-la. Mas se desejamos propor uma aproximação sintética, é necessário dizer que é também de um clima de guerra que nós iremos falar, e primeiramente

do que Ernesto Laclau nomeou como “guerra de identidades”. Nós concordamos com a análise dele quando demonstra que o colapso do comunismo modificou o paradigma das lutas políticas. Ela visa não mais a emancipação de todos, mas primeiro o direito à diferença. Este tipo de conflito, onde cada um luta para defender ou atacar uma tradição, uma referência religiosa, uma particularidade sexual, conduz uma mutação social, o que toda democracia conhece bem atualmente. Especialmente porque o conflito define uma democracia, com a condição de que ela tenha meios para o resolver. A urgência vem hoje do fato de que a guerra jihadista risca de mergulhar a democracia em uma guerra civil ou no fascismo. De uma parte, de fato, o fracionamento social torna mais difícil uma resposta coletiva à agressão. De outra parte, ela é vivida de uma maneira mais dramática, porque nós sabemos melhor hoje, como já destacamos, até onde a defesa de uma identidade particular pode conduzir. Especialmente porque uma identidade não se deixa definir e pode, por consequência, nos levar em direção ao pior.

Veremos, no final do trajeto que nós propomos, que os psicanalistas, que não renunciam, muitas vezes, a fazer valer sua identidade opondo-a àquela de outros grupos ou de outros praticantes, participam desta doença crônica na democracia. Para nós, como para cada um, a necessidade de refletir se impõe, se ao menos nós não desejamos ser conduzidos sem o mínimo recuo no clima de conflitos que se torna hoje urgente tratar no interior da democracia, pelos meios que são os seus.